



# VIII Seminário de Filosofia e Sociedade: DECOMPOSIÇÕES IMAGÉTICAS DA CONDIÇÃO HUMANA EM TEMPOS DESAFIADORES

II Jornada Interinstitucional e Internacional de Educação

19 a 21 de setembro | 2022



## “HOMEM QUE É HOMEM NÃO CHORA”: QUESTÕES DE PAPÉIS DE GÊNERO EM “O MENINO NITO”

*Alessandra Rodrigues Cezário Gomes<sup>1</sup>*  
*alessandra\_cezario@hotmail.com*

*Christian Muleka Mwewa<sup>2</sup>*  
*christian.mwewa@ufms.br*

### Resumo

Diante da problemática das possibilidades de ação do ser Homem, o objetivo desta pesquisa em curso é analisar este aspecto na obra "O Menino Nito". Ampliamos a discussão a respeito da temática das questões de gênero na sua importância para uma literatura humanizadora dos/as seus/suas agentes/leitores/as. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho documental que se apropriou da análise bibliográfica como instrumental e que teve como objeto de estudo o livro literário "O menino Nito", da autora Sônia Rosa com ilustração de Victor Tavares. Para realizar a identificação das questões de masculinidade na expressão de sentimentos, objetivou-se elencar esta categoria de análise (gênero), partindo dos questionamentos: a literatura infantil pode possibilitar a formação cultural do ponto de vista do gênero da criança? Qual é a representação de gênero no livro em tela (literatura infantil)? Desse modo, torna-se imprescindível não apenas refletir sobre os discursos trazidos pela narrativa que colaboram com uma educação de gênero, mas compreender que esses discursos são frutos de uma educação normativa. Por isso devem ser minados por meio da apreensão subjetiva do material literário. Consideramos que, os livros literários para crianças que tematizam as questões de gênero abrem caminhos para problemáticas fecundas, sensíveis e humanas.

**Palavras-chave:** Literatura para crianças; gênero; formação cultural.

### 1. Introdução

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus Três Lagoas (PPGEdu/CPTL/UFMS). Participante (Membro) do Grupo de Pesquisas Formação e Cultura na Sociedade Contemporânea (EduForP/UFMS/CNPq). Professora Formadora da Rede Municipal de Tupi Paulista, Estado de São Paulo.

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina com estágio doutoral na Université de Paris I – Panthéon-Sorbonne. Coordenador e professor do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado (CPTL); Professor no Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado e Doutorado (FAED) ambas na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Foi investigador Visitante no Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa (2017-2018). Realizou estância de curta duração na Universidad Nacional de La Plata (Argentina, 2017). Realizou estudos pós-doutorais na Universidade Federal de Santa Catarina (2017-2017 – NUPEIN) e na Universidade Federal de Santa Maria (2017-2018 – GPForma). Líder do Grupo de Pesquisas Formação e Cultura na Sociedade Contemporânea (EduForP/UFMS/CNPq).

Organização:



Apoio:





## VIII Seminário de Filosofia e Sociedade: DECOMPOSIÇÕES IMAGÉTICAS DA CONDIÇÃO HUMANA EM TEMPOS DESAFIADORES

II Jornada Interinstitucional e Internacional de Educação

19 a 21 de setembro | 2022



O presente estudo tem como foco promover reflexões acerca da temática das relações de gênero no contexto da literatura produzida para crianças. Esperamos contribuir com os estudos sobre as diferenças de sentimentos e padrões que são atribuídas aos gêneros femininos e masculinos. Para tanto, evidenciamos como são construídos os estereótipos do ser Homem e ser Mulher. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho documental que se apropriou da análise bibliográfica como instrumental qual seja o livro “O menino Nito”, da autora Sônia Rosa, que é escritora de literatura negro afetiva, voltada às crianças e jovens e do ilustrador Victor Tavares.

Como embasamento teórico foram utilizados os(as) autores(as) Joan Scott (1995), Antônio Candido (2002), Stuart Hall (2014) e Mwewa, Cechinel e Vaz (2018).

Desde mais tenra idade o conceito de gênero vem sendo abordado a partir de expectativas sociais e culturais na construção de papéis masculinos e femininos, o que reflete diretamente nas regras e comportamentos das crianças e sua forma de agir.

O mote para a reflexão apresentada está no conflito narrativo do livro, que se instaura na regra social e cultural de que o homem não pode expressar suas emoções por meio do choro. Este mecanismo de controle reverbera nas relações de gênero intra e extra-subjetivo, estabelecidas por meio de estereótipos do patriarcado que tem no machismo a sua manifestação objetiva. Tais valores aparentemente naturais são repassados às crianças de forma contínua e indiscriminada num processo de aculturação, pois inibem as manifestações subjetivas dos seres humanos, em especial, das crianças.

Nessa direção, é possível observar em Joan Scott (1995, p. 74) que:

O desafio colocado para essas reações, é, em última análise, um desafio teórico. Isso exige uma análise não apenas da relação entre a experiência masculina e feminina no passado, mas também da conexão entre a história passada e a prática histórica presentes. Como o gênero funciona nas relações sociais humanas? Como o gênero dá sentido à organização e percepção do conhecimento histórico? As respostas a essas perguntas dependem de uma discussão do gênero como categoria analítica.

Organização:



Apoio:





# VIII Seminário de Filosofia e Sociedade: DECOMPOSIÇÕES IMAGÉTICAS DA CONDIÇÃO HUMANA EM TEMPOS DESAFIADORES

II Jornada Interinstitucional e Internacional de Educação

19 a 21 de setembro | 2022



Nesse sentido é importante que os discursos sobre as questões de gênero sejam ampliados dentro de uma educação da e para a infância que valorize a humanização e emancipação do sujeito. Este procedimento poderá, na melhor das hipóteses, fragilizar o aprisionamento das crianças às normas estéticas-morais de vestimentas e de comportamentos. Neste contexto, a literatura pode ser imprescindível para que de fato isso aconteça. A literatura é "[...] fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente" (CANDIDO, 2011, p. 174-175).

Dessa maneira, para realizar a identificação do gênero de masculinidade na expressão de sentimentos, objetivou-se elencar esta categoria de análise (gênero), partindo dos questionamentos: A literatura infantil pode possibilitar a formação cultural do ponto de vista do gênero da criança? Qual é a representação de gênero no livro em

tela (literatura infantil)? Diante da problemática das possibilidades de ação do ser Homem, o objetivo desta pesquisa em curso é analisar este aspecto na obra "O Menino Nito". Ampliamos a discussão a respeito da temática das questões de gênero na sua importância para uma literatura humanizadora dos/seus/suas agentes/leitores/as.

## 2. Desenvolvimento

Discutir a temática sobre as representações de gênero na literatura infantil contribui para significações importantes sobre os processos de identidade e identificação, conceitos pautados nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI), de 2010. Estes trazem em seu escopo a garantia dos espaços que a

Organização:



Apoio:





## VIII Seminário de Filosofia e Sociedade: DECOMPOSIÇÕES IMAGÉTICAS DA CONDIÇÃO HUMANA EM TEMPOS DESAFIADORES

II Jornada Interinstitucional e Internacional de Educação

19 a 21 de setembro | 2022



criança frequente, sem discriminação de gênero, etnia, faixa etária e condições socioeconômicas (BRASIL, 2010) e a possibilidade de vivenciar essas identidades.

A respeito das identidades, podemos dizer que para Stuart Hall (2014), a identificação torna-se resultado da produção de significados construídos a partir da linguagem, pois é por meio dela que damos sentido ao que nos atravessa, possibilitando assim a (re)construção de uma história, renovar a identidade já construída ou ainda em formação. Para tanto, uma literatura dirigida às crianças, em especial, deve considerar a estrutura normativa (de gênero, etnia, faixa etária e condições socioeconômicas) para empreender micro-rebeliões que podem reorganizar as relações subjetivas pautadas nas identidades objetivadas socialmente.

Na narrativa, Nito era um menino belo, mas que expressava seus sentimentos por meio do choro. Essa circunstância fez com que o pai do menino o chamasse e dissesse para ele parar de chorar com a seguinte afirmação “homem que é homem não chora[...] Você é macho” (ROSA, 2011, p.5). Aqui caberia no mínimo uma pergunta ao pai de Nito: “e quando um Homem chora, ele vira o quê?” ou “quando se é macho que chora deixamos de sê-lo?”. Na fala do pai vem o retrato dos modos de ser de menino, um padrão de estereótipos que demarcam uma sociedade, na qual o termo “gênero” torna-se uma forma de indicar construções culturais, a criação inteiramente social de ideias e sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. (SCOOT, 1995, p. 6). Neste caso, o choro não faz parte do hábito do Homem.

A recusa do papel é característica daqueles/[as] que não se sentem à vontade na alienação. Mas o conflito entre os casos de dever-se, e, neste caso, o conflito moral, que se expressa de modo particular, são inevitáveis na medida em que um homem [mulher] não submete incondicionalmente todo o seu ser ao papel que desempenha num dado momento. (HELLER, 2004 [1970], p. 96).

Partindo da afirmação de que homem não chora, o enredo da narrativa traz o menino Nito adoecido por não poder expressar os seus sentimentos e a busca pelo médico que pede para Nito “desachorar” os choros engolidos. No fim da narrativa, pai e filho se abraçam e a conclusão pai chega é que “chorar é bom. Às vezes deixa a gente

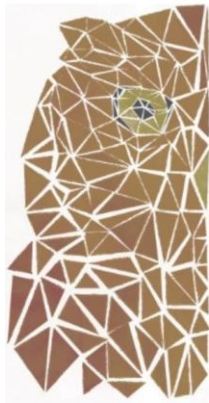
Organização:



Apoio:







## VIII Seminário de Filosofia e Sociedade: DECOMPOSIÇÕES IMAGÉTICAS DA CONDIÇÃO HUMANA EM TEMPOS DESAFIADORES

II Jornada Interinstitucional e Internacional de Educação

19 a 21 de setembro | 2022



mais homem” (ROSA, 2011, p.15). A permissividade do choro reafirma a masculinidade normativa sustentada pelo patriarcado. Marcações de linguagem que reforçam a necessidade de ser Homem em detrimento daquelas que não o são tensionando as relações de gênero na sociedade marcadamente masculinizada. Assim, a apropriação do choro que reforça “o ser” Homem não figura como a aceitação da sua necessidade, mas sim como um *ethos* da masculinidade redobrada. Portanto, permanece o questionamento: “quando se é Homem e se chora vira-se o quê?” O devir Homem no livro é reafirma a normatividade que privilegia o ser Homem. Pode-se chorar sem ser Homem?

Dessa forma, pode se observar uma continuidade que não rompe a representação do gênero, pois foi preciso um Homem autorizar o choro como expressão, ainda sim, de masculinidade através dos seus sentimentos.

A sociedade não poderia funcionar se não contasse com sistemas consuetudinários de certo modo estereotipados. Esses sistemas constituem o fundamento do sistema de “reflexos condicionados” do homem, sistema que permite aos membros de uma sociedade mecanizar a maior parte de suas ações, praticá-las de um modo instintivo (mas instintivo por aquisição, não como resíduo de uma estrutura biológica), ou seja, concentrar o pensamento, a força moral, etc., nos pontos concretos exigidos pela realização de novas tarefas. (HELLER, 2004 [1970], p. 88).

Pelo desfecho da obra coloca-se a necessidade de que o autoconhecimento possa fomentar a autonomia tendo os sentimentos como expressão.

### Considerações Finais

A partir do que foi apresentado pesquisa (em curso) buscou contribuir com reflexões de como o livro literário pode ser um artefato cultural valioso na busca de discutir temáticas sobre gênero. Os personagens podem ser representativos ao assumir lugares de destaque. Por outro lado, o protagonismo deve oportunizar rupturas hegemônicas das normas e padrões na sociedade.

Organização:



Apoio:





**VIII Seminário de Filosofia e  
Sociedade: DECOMPOSIÇÕES  
IMAGÉTICAS DA CONDIÇÃO  
HUMANA EM TEMPOS  
DESAFIADORES**

II Jornada Interinstitucional e  
Internacional de Educação

**19 a 21 de setembro | 2022**



Desse modo, torna-se imprescindível não apenas refletir sobre os discursos e as imagens trazidas pela narrativa que colaboram com uma educação de gênero, mas compreender que esses discursos são frutos de uma educação normativa. Por isso devem ser minados por meio da apreensão subjetiva do material literário.

### Referências

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI)**. (2010). Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares\\_2012.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf). Acesso em: 16 jun. 2022.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.

HELLER, Agnes. O cotidiano e a História. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MWEWA, C.Muleka, CECHINEL, André e VAZ, Alexandre Fernandez. Calipso e a intransigência do gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 26(3), p. 1- 13. Acessado em 14 de Agosto de 2022. <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/48156/37566>>

ROSA, S. **O menino Nito: então, homem chora ou não?** 4.ed. Rio de Janeiro, Pallas, 2011. 16p.

SCOTT, J. W. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

Organização:



Apoio:

